

Um conto baseado no
JOGO DA VIDA



A
CASA
DOS
POBRES

Vinícius Tadeu

A CASA
DOS
POBRES

2

Vinícius Tadeu

*“Eles (Os Mestres) ajudam no
desempenho do jogo da vida, não se
deixando mover, como peças de jogo,
pela vontade dos outros
ou pelo ambiente.”*

Quem considera a vida uma luta deve se preparar para uma surpresa.

A vida é um jogo!

Clarinda seria surpreendida. Ela não sabia nada dos sábios hermetistas e seus ensinamentos sobre a doutrina ocultista dos alquimistas.

Porém, não haveria qualquer necessidade desse conhecimento, se tivesse prestado atenção às palavras do Nosso Senhor Jesus Cristo, expostas com admirável clareza na Bíblia.

A vida é o grande jogo de dar e receber.

“Pois aquilo que o homem semear, isto também ceifará.” Nas palavras de São Paulo.

Todas as chances do saber estavam ao seu alcance, mas foram desprezadas:

Olho por olho.

Ódio por ódio.

Amor por amor.

Crítica por crítica.

Mentira por mentira.

Ilusão por ilusão.

Clarinda também não sabia que os mestres cabalistas atribuíam à imaginação um papel importantíssimo no *Jogo da Vida*.

“Cedo ou tarde tudo o que imaginamos fará parte da nossa vida.”

A vida mandou vários recados para Clarinda.

Seu pai era hipocondríaco e, assim, ele vivia imaginando os mais diversos tipos de doenças. Algumas tão raras que seriam impossíveis de ocorrer na região onde eles viviam.

Uma doença, em especial, atraiu tanto a atenção do Sr. Sebastião que ele passou a pesquisar, ler e anotar tudo o que encontrava sobre ela. Imaginava os sintomas e comparava com seu estado de saúde. Consultou diversos médicos e sempre considerou errados os diagnósticos que lhe atribuíam uma saúde perfeita.

Em pouco tempo o pai de Clarinda morreu. Na autópsia não foi encontrado o vírus da doença, mas ele apresentava todos os sintomas da varíola. Bexigas por todo o corpo.

A varíola está erradicada do país.

Sebastião foi vítima de sua imaginação desorientada.

O poder da imaginação é tão forte que ela foi apelidada por alguns autores de “A tesoura da mente”, por acreditarem que, qual uma criança, ela fica recortando figurinhas. Uma colecionadora de recortes. E, que, essas figuras, mais cedo ou mais tarde, serão reproduzidas na vida real.

Os gregos diziam que para nos conhecermos, precisamos conhecer nossa mente.

Estudiosos do comportamento da mente a dividem em três departamentos: o subconsciente, o consciente e o superconsciente. O primeiro, uma força utilizada pela imaginação, com *status* de vontade, para reproduzir a ordem na vida real.

Clarinda teve outras manifestações da vida para lhe impor ensinamentos.

Sua mãe, Virgínia, desde criança gostava de roupas pretas; nas missas de domingo cobria o rosto com um véo preto. Quando mocinha, ela admirava a fidelidade das viúvas. Depois de casada, Virgínia, vivia se imaginando uma viúva “exemplar”. A morte levou cedo o marido que tanto amava. A vida realizou o desejo que estava impresso no subconsciente, e ela pode ser, pelo resto dos seus dias, uma viúva devotada à memória do marido.

A mente consciente é denominada mente carnal ou mortal. Sendo a responsável pelo contato exterior, ela vê a vida apenas como ela parece ser. O subconsciente recebe as experiências traumáticas: dor, doença, morte, pobreza, miséria, e as grava em forma de figuras.

A Mente Divina, também denominada mente superconsciente, é a região das ideias perfeitas.

Como disse Platão, é nela que encontramos o *Esboço Divino* da nossa vida.

“Existe um lugar que deveis ocupar e ninguém mais pode ocupa-lo, alguma coisa que tereis de fazer e ninguém mais pode fazer.” Disse um mestre do esoterismo.

Na mente superconsciente existe um plano perfeito para a vida. Uma coisa tão boa que parece impossível de se realizar. As diretrizes do Criador.

Entretanto, é possível que o destino seja ignorado ou que se lute para alcançar outras posições que não a predestinada. Um destino forçado, que só levará ao insucesso e à frustração.

Novamente a vida havia mandado um aviso para Clarinda.

Sua mãe havia lhe contado que, antes de se casar com Sebastião, temerosa em ficar “pra titia”, virar uma “solteirona”, procurou um Terreiro de Umbanda, e pediu um trabalho para que se casasse com um amigo, pelo qual se achava apaixonada. E que o Pai de Santo se recusou a fazer o trabalho, dizendo que isso violaria a lei espiritual; mas faria o trabalho para lhe trazer o homem conveniente, o “escolhido divino”, o homem que lhe pertencia por direito.

A vida tentou explicar a Clarinda como funciona a lei da substituição, por meio da qual, uma ideia errônea pode ser substituída por uma

ideia justa, sem que haja qualquer sacrifício ou prejuízo.

Clarinda recordava com saudades os tempos em que a família tinha uma situação financeira privilegiada. Revia o patrimônio ser consumido pelas pretensas doenças do pai. E, o restante, ser totalmente abandonado pela mãe, presa em suas lembranças, em eternas idas e vindas entre a casa, o cemitério e a igreja.

Em vez de se preparar para a vida, trabalhar, estudar, evoluir, fazer alguma coisa para mudar a situação, Clarinda cresceu contabilizando perdas.

— Devo me preparar para a *Casa dos Pobres*. — Vivia dizendo.

Quando a mãe faleceu, Clarinda estava com vinte anos. Vendeu a casa que recebeu por herança e, com parte do dinheiro recebido, comprou uma casinha menor; um quarto e cozinha na periferia da cidade. O dinheiro que recebeu da venda da casa grande, lhe permitiu viver por algum tempo sem muita preocupação financeira.

A imagem de limitação e miséria estava gravada no subconsciente de Clarinda, e a lei estava atuando nessa direção.

Era o dia do seu aniversário e, novamente, contabilizando os gastos, sabia não ter dinheiro suficiente para sobreviver por mais um ano.

Lembrou-se do “Terreiro”, do “Pai de Santo”, e do conselho certo dado por ele à sua falecida mãe.

Estranhou o “Pai de Santo” assim que entrou. Esse era jovem, com não mais de trinta anos, e sua mãe o havia descrito como um idoso. Mesmo assim, resolveu tentar. Afinal, não tinha muitas opções.

— *Mizifia*, eu me lembro de ter ajudado sua mãe, sei que ela se casou. Posso te dar um único conselho.

“Como ele pode saber, eu ainda não disse que minha mãe esteve aqui, e nem porque eu vim. E ele é muito novo para ser *Ele*.”

— Siga sua intuição! — O Pai de Santo completou.

— Eu quero ir para a Capital.

Clarinda não sabia exatamente porque havia dito aquilo. Nunca lhe ocorreu que queria.

— Então, vamos abençoar seus últimos cem reais, para que eles se multipliquem. Como Jesus Cristo abençoou os pães e os peixes. Ele ensinou que todo homem tem o poder de abençoar, amar e prosperar: multiplicar!

Felizmente, essa lei atua tanto numa direção como em outra, uma situação de necessidade pode ser mudada para outra de abundância.

Clarinda foi para a Capital.
Estava crente de uma vida próspera e feliz.
Ainda lembra-se das palavras do Pai de Santo:

“Vai para a Capital. Não despreze uma ideia intuitiva.”

Desembarcou na rodoviária, lembrando-se das palavras que o Pai de Santo lhe havia pedido para repetir:

“Espírito Infinito, abre um caminho de maior abundância para mim. Eu sou um ímã que atraí tudo que me é de direito.”

Clarinda logo conseguiu trabalho em uma casa de família. Empregada doméstica, um salário não muito alto, mas com um lugar aconchegante para dormir e comida na mesa.

Incentivada pelos patrões voltou a estudar.

O trabalho com a rotina diária da casa: lavar, passar, cozinhar e limpar, não lhe deixava muito tempo ocioso. As horas de folga eram destinadas aos estudos. Aos poucos foi esquecendo sua antiga vida no interior.

Quando se lembrava da antiga casa da família, as recordações se limitavam a um enorme jardim.

As roseiras, eu sinto falta das roseiras.

Tinha sido criada em meio a um agradável aroma de rosas. Podia sentir o cheiro especial de uma delas, rosas vermelhas enormes, aveludadas.

Aquele era um dia especial.

Clarinda completava um ano de serviço naquela residência.

Absorta na avaliação positiva daquele ano na Capital, por duas vezes não escutou a campainha tocar. Somente no terceiro toque atendeu à porta.

— Srta. Clarinda?

— Sim!

— Tenho uma entrega — disse o rapaz de uma floricultura próxima, cujo emblema estava estampado na camiseta. E entregou um vaso, um lindo vaso, com uma roseira e uma linda e enorme rosa vermelha aveludada.

O cartão fazia menção ao ano de trabalho, à satisfação de tê-la aos seus serviços e desejavam um futuro promissor para ela. A letra era da patroa e estava assinado também pelo marido dela. Sua felicidade estava completa. Agora tinha a roseira.

A patroa tinha feito o pedido de roseira de rosas brancas, mas nada disse ao ver a felicidade da moça com sua roseira de rosas vermelhas. O floricultor havia se enganado na encomenda.

No dia seguinte, motivado pela reclamação de outra cliente, que não gostou daquela troca, o

proprietário da floricultura foi até a residência dos patrões de Clarinda. Ele trouxe consigo um vaso de um tipo de roseira que dava rosas brancas.

— Veio para levar a vermelha? — Clarinda perguntou assim que viu a rosa branca.

— Não! Eu liguei para Dona Edite, e ela falou que você ficou feliz com a vermelha. Mesmo assim, eu tinha o dever de me desculpar em nome da floricultura. Afinal, houve um engano. Este é um presente da loja, um formal pedido de desculpas.

— É linda! Obrigada!

— Gosta de flores, Clarinda?

— Sim! Se um pudesse, vivia o tempo todo entre elas.

— Sendo assim, sempre contratamos mão-de-obra extra em dias especiais: namorados, finados e outros. Sempre há um acúmulo de encomendas. Trabalho de finais de semana, se você quiser, fica a oferta.

— Verdade? Se for, eu quero.

Adailton, o dono da floricultura, contratou Clarinda para aquele final de semana, no fim de semana seguinte e no outro. Daí em diante, ela passou a fazer parte da rotina de finais de semana da loja. Aquela loja preparava arranjos para os quiosques que ele possuía em diversos *Shopping*

Centers da Capital; por essa razão o trabalho era constante.

Clarinda podia não saber, mas ela estava colocado em movimento a lei que rege a abundância. Um ensinamento deixado por Jesus Cristo que nos obriga ao primeiro movimento, mesmo quando existe o desejo e a fé.

A convivência levou Clarinda e Adailton ao namoro e, tempos depois, ao casamento.

Indiretamente, Clarinda, tinha sido levada a entender o objetivo do Jogo da Vida: retirar os recortes ruins da sua coleção de fatos passados, substituindo-os pelos recortes das coisas boas que estavam acontecendo em sua vida.

Agora eu enxergo com clareza o que de fato é bom para mim.

Coloque um anúncio em sua mente:

**Troco figurinhas do Jogo da Vida:
Temor, Desânimo, Ressentimento,
Ódio e Ansiedade; pelas de Saúde,
Riqueza, Amor e Prosperidade.**



VISITAS
DO
NATAL

A lenda do
OURO DADO

15



Vinícius Tadeu